

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – *CAMPUS* DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

DANIELLE DE ANDRADE LIMA

**A VARIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: por uma pedagogia
sensivelmente cultural**

**BAURU
2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS – *CAMPUS* DE BAURU
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

DANIELLE DE ANDRADE LIMA

**A VARIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: por uma pedagogia
sensivelmente cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Manzoni.

**BAURU
2011**

LIMA, Danielle de Andrade.

A variação sócio-cultural e o ensino de
língua portuguesa no ensino fundamental: por
uma pedagogia sensivelmente cultural/LIMA,
Danielle de Andrade, 2011, 51.

Orientador: Rosa Maria Manzoni.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2011.

1. Alfabetização. 2. Sociolinguística. 3.
Variação Linguística. Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências.II. Título.

DANIELLE DE ANDRADE LIMA

A VARIAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL: por uma pedagogia
sensivelmente cultural

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências – UNESP, Bauru, como parte dos requisitos para obtenção do título de graduação em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Rosa Maria Manzoni.

Banca examinadora

Profa. Dra. Rosa Maria Manzoni - Orientadora
Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru

Profa. Dra. Lucilene Santos Gonzales
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP – Bauru

Profa. Ms. Mariana Vaitiekunas Pizarro
Mestre em Educação para Ciência pela FC – UNESP - Bauru

Bauru

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida, pela disposição e por sempre estar em meus caminhos.

À Profa. Dra. Rosa Maria Manzoni, por me apresentar a Sociolinguística que despertou em mim tamanha curiosidade a ponto de desenvolver esta pesquisa. Por me orientar com paciência, atenção e dedicação na realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Jean Cristus Portella, por me orientar no início deste trabalho e também por ter me dado uma lição que levarei para a vida toda.

Aos professores doutores de metodologia da pesquisa, Macioniro Celeste e Thaís Tezani, por me darem o suporte metodológico para o desenvolvimento da minha pesquisa.

À direção da escola onde esta pesquisa foi desenvolvida, pela abertura que me deram para realizá-la e pela confiança depositada em mim.

Aos alunos e seus respectivos pais, por tornarem possível esta pesquisa.

A minha família, presente de Deus na minha vida, pelo apoio que me deram desde sempre.

Aos meus colegas e professores presentes nesta trajetória, tão intensa, que foi minha minha graduação. Àqueles que direta ou indiretamente contribuíram, não somente com este trabalho, mas também foram fundamentais para minha formação, tanto profissional quanto como pessoa.

*Entender não é reconhecer um sentido invariável, mas
construir o sentido de uma forma no contexto no qual ela aparece.*

Gnerre

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo levantar informações sobre a realidade social e linguística de alunos do 1º. ano do ensino fundamental e da comunidade de que provinham, a fim de identificar aspectos de seu léxico nos níveis fonológicos, morfológicos e morfossintáticos e, assim, identificar e descrever as variantes alternativas da regra não-padrão. A metodologia escolhida foi a da sociolinguística variacionista abordando aspectos quantitativos e qualitativos no tratamentos dos dados coletados através da observação participante e gravações em áudio das falas dos alunos. Os resultados indicam que as variantes de nível fonológico são as mais recorrentes nas falas dos alunos. Por ser fase de alfabetização, o modo como o aluno fala serve-lhe de orientação para o ato da escrita, portanto, faz-se necessário trabalhar com os alunos a diferença entre a modalidade oral e escrita e a monitoração dessas duas modalidades de acordo com o contexto do discurso.

Palavras chave: Alfabetização, Sociolinguística, Variação Linguística.

ABSTRACT

This study aimed to gather information about the social and linguistic reality of students 1. years of elementary school and community that came, in order to identify aspects of their lexical phonological levels, morphological and morphosyntactic and thus identify and describe the alternative variants of non-standard rule. The methodology chosen was that of variational sociolinguistics addressing quantitative and qualitative aspects in the treatment of the data collected through participant observation and audio recordings of speeches of the students. The results indicate that the level of phonological variants are the most frequent in the speech of students. Because the literacy phase, how the student speaks serves you a guide to the act of writing, so it is necessary to work with the students the difference between oral and written form and monitoring of these two modes according to the context of the discourse.

Keywords: Alphabetization, Sociolinguistics, Variation Linguistics.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Variantes encontradas na análise do <i>corpus</i>	40
Quadro 2: Número de ocorrências das variantes encontradas nos discursos de cada sujeito .	41
Quadro 3: Categorização das variantes encontradas em três aspectos	44

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1: Língua, norma e fala: conceitos fundamentais para uma linguística de usos da língua	13
1.1. Conceitos fundamentais	13
1.1.1. Língua X Fala	13
1.1.2. Noção de norma	17
1.2. Variação Linguística	19
1.2.1. Variação diacrônica	20
1.2.2. Variação diatópica	21
1.2.3. Variação diastrática	23
1.2.4. Variação diafásica	24
1.3. Sociolinguística e o uso social da linguagem	26
Capítulo II: Abordagem metodológica: etapas da pesquisa	29
2.1. Procedimentos de coleta de dados	30
2.1.1. Observação participante	30
2.1.2. As gravações	30
2.2. Escola campo de pesquisa	31
2.3. Caracterização da classe observada	31
Capítulo III: Fatores extralinguísticos, análise do <i>corpus</i> e reflexões	
3.1. Caracterização dos pais dos sujeitos da pesquisa	33
3.2. Coleta do <i>corpus</i>	34
3.2.1. Descrição das variantes alternativas utilizadas por sujeito	39
3.3. Quantificação das variantes	41
3.4. Compilação das variantes encontradas	43
3.5. Variação linguística e o ensino dos usos de língua materna: reflexões sobre os usos da linguagem	46
Considerações finais	48
Referências	49
Anexos	51

Introdução

Muito se ouve falar em coletividade e a importância que isso tem para a manutenção da sociedade atual. Embora a coletividade seja realmente algo muito importante, existem momentos em que a valorização do indivíduo colabora para a sustentação do todo, do coletivo. Um dos momentos propícios para o indivíduo ser valorizado é no processo de alfabetização.

Com a reformulação do Ensino Fundamental, os alunos, já com seis anos, ingressam no 1º. ano e, embora pareça pouca a experiência de um aluno com essa idade, certamente, este já possui uma “bagagem” social, linguística e cultural e isso não deve ser ignorado. A “bagagem” linguística muito irá influenciar no processo de alfabetização, uma vez que este é baseado na modalidade oral em que as crianças se expressam. A oralidade do aluno revela muitas informações a seu respeito: nível sócio-econômico, grau de escolaridade dos familiares, lugares que frequenta, etc. e isso é algo tão particular que, nem mesmo em uma sala de aula com alunos aparentemente iguais (mesmo meio sócio-econômico, mesmo convívio, etc), é possível afirmar que suas respectivas “bagagens” não são iguais.

Com a intenção de colaborar com o processo de alfabetização a partir do olhar da Sociolinguística, este trabalho propõe estudar a bagagem linguística que acompanha os alunos no ingresso do 1º. ano do Ensino Fundamental Integral, de uma escola particular da cidade de Bauru. Diante dessa intenção, esta pesquisa pretende responder a seguinte pergunta: se a aprendizagem da língua escrita tem por base a modalidade oral em que as crianças se expressam e se esta for formulada a partir de uso de regras não-padrão da língua, é possível que no processo de alfabetização a criança utilize regras da variante alternativa padrão?

Na busca de responder esta questão, esta tratou a variação linguística como um ponto de partida na construção do sujeito de linguagem. Desta forma, teve como objetivo geral levantar informações sobre a realidade social e linguística de alunos do 1º. ano do ensino fundamental e da comunidade de que provinham, a fim de identificar aspectos de seu léxico nos níveis fonológicos, morfológicos e morfossintáticos e, assim, elencar e descrever as variantes alternativas da regra não-padrão.

Para tanto, buscamos atingir os seguintes objetivos específicos:

1) Identificar e descrever as variantes linguísticas não-padrão mais recorrentes na fala de crianças pertencentes a um determinado nível socioeconômico e identificar aquelas que estigmatizam socialmente;

2) Identificar as determinações sociais das variantes linguísticas dos sujeitos pesquisados;

3) categorizar as variantes alternativas da regra não-padrão usadas na fala dos sujeitos em processos fonológicos, morfológicos e morfossintáticos, a fim de orientar as intervenções pedagógicas no ensino da monitoração da fala.

Para atender a esses propósitos, este trabalho teve como referências os estudos de Saussure (2006), Bahktin (2006), Coseriu (1979), Bortoni-Ricardo (2008) e Ilari; Basso (2009) e constitui-se de três capítulos. No primeiro, denominado “Linguagem, norma e fala: conceitos fundamentais para uma linguística de usos da língua”, serão apresentados os pressupostos teóricos que fundamentaram a análise do *corpus*. No segundo, é apresentada a metodologia da pesquisa e, no terceiro capítulo, é feita a análise e a interpretação dos dados refletindo, ao final, sobre o ensino e os usos da língua.

Capítulo I - Linguagem, norma e fala: conceitos fundamentais para uma linguística de usos da língua

1.1. Conceitos Fundamentais

Levando em consideração que o presente trabalho visa a estudar uma manifestação da linguagem, é de suma importância revisitar alguns conceitos essenciais da Linguística moderna a fim de se apresentar as bases teóricas das análises aqui feitas. Conceitos com as definições de linguagem, língua, fala, norma servem aqui para alicerçar o estudo das variantes linguísticas praticadas pelos alunos em situação escolar.

1.1.1. Língua X Fala

Antes mesmo de discorrermos sobre a dicotomia língua e fala postulada pelo linguísta suíço Ferdinand Saussure em 1916, faz-se necessário conceituar o termo linguagem. Ao tratar do referido termo, Saussure cita pontos de vista diferentes de se considerar uma palavra, e afirma que é o ponto de vista que cria o objeto e não o contrário. Então, o linguísta define que linguagem

[...] não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. Surge daí uma nova e temível correspondência: o som, unidade complexa acústico-vocal, forma por sua vez, com a idéia, uma unidade complexa, fisiológica e mental. E ainda mais:

3º. A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro. Finalmente:

4º. A cada instante, a linguagem implica ao mesmo tempo um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado. (2006, p. 16).

A teoria geral da linguagem de Saussure considera a linguagem como uma faculdade humana, constituída por uma parte essencial e social e outra, acessória e individual. Ao afirmar isso o linguísta genebrino se refere, respectivamente, à língua e à fala. desse modo o termo *linguagem* é, normalmente, usado por esse linguísta para sugerir os conceitos de *langue*, como um sistema de signos linguísticos, organizados hierarquicamente entre si, ou seja, a língua, e *parole*, como a língua posta em prática, ou seja, a fala. Segundo esse autor, a

língua é social, comum a todos os falantes é principal, um ideal coletivo; em qualquer país do mundo existe uma língua, um idioma e este é utilizado por todos, entretanto, nem todos os indivíduos a utilizam da mesma maneira. Para que, então, não haja dúvida na distinção entre língua e linguagem, o linguísta explica

Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p. 17).

A língua assim delimitada, e por privilegiar o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, foi definida por Saussure (2006), como o objeto de estudo da linguística. Para ele, língua é um sistema supra-individual de que servem os falantes para a comunicação e, por isso, a define como um sistema de signos que possui natureza social, isto é, é um sistema de signos em que um signo se define pelos demais do conjunto.

A definição de língua como um sistema de signos requer uma outra definição: a de signo linguístico. Para o linguísta suíço, um signo linguístico é a relação entre um conceito e uma imagem acústica. Um conceito, para ele, é uma idéia, um pensamento que serve para interpretar o mundo, e uma imagem acústica é uma impressão psíquica de uma sequência articulada de sons (vogais, semi-vogais e consoantes). Assim, o signo linguístico, para Saussure, é constituído pela união de um conceito (significado) e de uma imagem acústica (significante) que são complementares.

Concebendo a língua como um sistema de signos, o autor a observa do ponto de vista sistemático, o que se reconhece nela, então uma estrutura. Dessa forma, os fatores da língua dizem respeito à estrutura do sistema. Ao considerar o entorno do signo, um sendo definido em relação ao outro, Saussure desenvolveu o conceito de valor, isto é, o sentido de uma unidade é definido por suas relações com outras da mesma natureza. Esse conjunto de relações que as unidades linguísticas mantêm entre si constitui a forma¹ e não a substância, parte acústica do signo. Nesta perspectiva, valor, para Saussure, é o conjunto de diferenças entre as unidades linguísticas, que é sua significação. Desse modo, a língua é explicada, segundo Petter (2003, p. 14)

por ela própria, examinando as relações que unem os elementos no discurso e buscando determinar o valor funcional desses diferentes tipos de relações. A língua é considerada uma estrutura constituída por uma rede de elementos, em que cada elemento tem um valor funcional determinado.

¹ Forma para Hjelmslev, seguidor de Saussure, é constituída pelas diferenças fônicas mais as regras combinatórias e pelas diferenças semânticas mais as regras combinatórias.

Assim, a língua apresenta-se como virtual ou potencial; como sistema funcional, geral, como “produto social da faculdade da linguagem; como condição da fala” (SAUSSURE, 2006, p.17)

A fala, por sua vez, aparece como um ato linguístico e concreto, assistemática, cada um fala a sua maneira. Nas palavras de Saussure (2006, p. 22), a fala é o real concreto individual.

A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º.) as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º.) o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

A partir do excerto acima, concluímos que a fala é definida pelo mestre genebrino como o aspecto da linguagem, a compreensão de combinação dos sinais na mente de um transmissor e de mecanismos psicofísicos pelos quais são externados. Pessoas que falam a mesma língua conseguem comunicar-se porque, apesar das diferentes falas, há o uso da mesma língua.

De acordo com Saussure, língua e fala são distintas, mas em seus aspectos se relacionam, no entanto, ao serem tratadas separadamente “a língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente [...] A língua não menos que a fala, é um objeto de natureza concreta, o que oferece grande vantagem para seu estudo” (SAUSSURE, 2006, pp. 22, 23). O referido autor, explica que, por ter uma natureza concreta, os signos da língua são tangíveis, podem ser fixados, escritos, convencionados, diferente da fala que, levando em consideração seus pormenores, é impossível fixá-la.

A linguagem não se opõe à língua nem à fala, pois uma não exclui a outra, ao contrário, são manifestações da linguagem: a fala é a realização concreta da língua, mas não existe sem ela, que a governa como sistema abstrato que é.

A seguir, a figura 1 visualiza a relação existente entre linguagem, língua e fala, de acordo com Saussure.

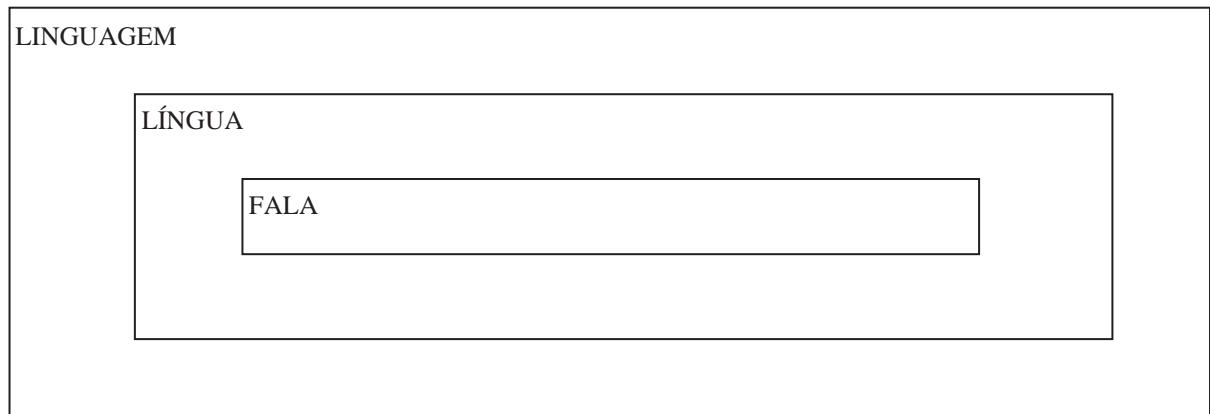


Figura 1 – Relação linguagem/língua/fala.

Apesar da relação existente entre linguagem, língua e fala, na visão saussuriana, os fatos de língua são separados dos fatos de fala: os fatos de língua dizem respeito à estrutura do sistema linguístico e os de fala, ao uso desse sistema. Embora tenha reconhecido a importância de se ter uma linguística da fala, o mestre genebrino deixou tais estudos para serem feitos posteriormente. Um dos teóricos que estudou a fala foi Mikhail Bakhtin.

Toda a teoria apresentada até aqui manteve-se dominante até 1929, quando o filósofo russo Mikhail Bakhtin começa a publicar suas obras que, ao mesmo tempo, embate e aprimora a teoria saussuriana. Já de antemão, apresentamos Bakhtin como um autor de base epistemológica no marxismo; daí já é possível prever alguns pontos que o diferem de Saussure.

Bakhtin (2006, p. 91) defende que o sistema linguístico não é rígido e imutável, pelo contrário, está em evolução ininterrupta

De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela apareceria para um certo indivíduo, num dado momento do tempo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta.

De acordo com o autor, “o sistema linguístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação” (BAKHTIN, 2006, p. 93). Além do mais, o processo de interação como produto do trabalho linguístico é o que organiza e formula a atividade mental, pois “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação” (BAKHTIN, 1977, p. 112, apud GERALDI, 1996, p. 7).

1.1.2. Noção de Norma

A partir da dicotomia saussuriana *língua – fala* tem havido várias discussões para clarear esses dois conceitos, inclusive para complementá-los. É exatamente partindo de como a língua e a fala se manifestam que se chega à noção de *norma*. O conceito de norma é apresentado a partir da visão de Coseriu, embora muitos outros autores ocuparam-se de estudar esse fenômeno.

O termo *norma* pode referir-se a diferentes situações. O Dicionário Aurélio apresenta três definições para o termo *norma*: 1. Aquilo que se adota como base ou medida para a realização ou avaliação de algo; 2. Princípio, regra; 3. Modelo; padrão.

Apesar de não fazer menção exclusivamente à norma linguística, nas definições encontradas no dicionário, nota-se que algo antes de se tornar padrão, antes se tornar uma norma passou por um processo, ou seja, levou um tempo até que um grupo ou instituição reconhecesse sua relevância.

Na trajetória dos estudos linguísticos, esse termo foi conceituado (em algumas vezes de maneira diferente) por diferentes linguístas. Saussure (2006) definiu *norma* como um padrão de todas as manifestações da linguagem, algo imutável. Dando um salto de uma base epistemológica para outra, Bakhtin (2006) discorda que *norma* seja imutável e considera que esta se encontra em evolução ininterrupta. Coseriu (1986) não se opõe a Bakhtin e defende que norma é uma expressão recriada de acordo com modelos anteriores. Para ele, uma *norma* se constitui de acordo com uma comunidade e esta “é variável, segundo os limites e a índole da comunidade considerada” (COSERIU, 1979, p. 73). Além disso, o linguísta ainda afirma que norma “corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa a todo momento o equilíbrio sincrônico (externo e interno do sistema)” (COSERIU², 1979, p. 50).

Segundo Coseriu (apud PIETROFORTE In: FIORIN, 2003), quando se presta atenção na fala, é possível determinar formas de realização que não são de natureza individual, mas que também não são realizadas por todos os falantes de uma mesma língua. A partir desse pensamento, Coseriu reformulou a dicotomia saussuriana *língua versus fala*, questionando exatamente a natureza social da língua e a individual da fala. Para Coseriu, se, por um lado, essa dicotomia define um domínio social comum a todos os falantes de uma mesma língua, nem são próprias de um só falante.

A partir dessas reflexões, Coseriu (2004) sugere que a dicotomia *língua versus fala* seja redefinida para sistema versus norma versus, denominando as variantes linguísticas, nos domínios da *norma*. Sendo o sistema um conjunto de possibilidades, a norma aparece como um conjunto de variações linguísticas constantes e repetidas, de caráter sócio-cultural e dependente de vários fatores operantes na comunidade idiomática. A norma comprova *como se diz* e não como se deve dizer. Enquanto o sistema é um conjunto de oposições funcionais, a norma é a realização coletiva do sistema, contendo-o e mais os elementos não relevantes, mas normais da fala da comunidade.

Assim, o uso de vocabulário próprios de alguns grupos sociais, os diferentes sotaques, a presença ou não de concordâncias verbais e nominais etc caracterizam modo de realizações linguísticas que não são próprios nem de um só indivíduo, nem de todos os falantes de uma língua, mas caracterizam variantes linguísticas de uma mesma língua.

Desse modo, para Coseriu, a fala continua de ordem individual, mas o conceito de língua é modificado. Ele afirma que “a língua, no sentido amplo do termo, não é apenas um sistema funcional, mas também realização normal” (1987, p. 54). O que Coseriu chama *língua* é o sistema articulado com suas normas, ou seja, com suas variantes linguísticas. Para ele, o conceito de língua abrange o sistema, que é domínio de todos os falantes de uma mesma língua, já as normas são as variantes desse sistema e pertencem ao domínio de grupos sociais, regionais etc.

Quando Coseriu afirma que norma é “variável, segundo os limites e a índole da comunidade considerada”, ele o faz e delimita quatro formas de variação: a variação diatópica, concernente à questão geográfica; a diacrônica, de cunho histórico; diastrática e diafásica e que dizem respeito à questão social. Mais adiante, discorreremos sucintamente sobre essas variações.

Vários outros estudiosos seguiram a mesma linha de pensamento de Coseriu. Como Camacho (2004), Bagno (2007), Pietroforte (In FIORIN, 2003), Ilari; Basso (2009).

Camacho (2004) se ocupou de distinguir norma de comportamento e norma linguística. Para ele

[...] a norma linguística deriva da variedade empregada com certa constância e regularidade pela classe social de maior prestígio da comunidade: a variedade realmente empregada, ou padrão real, torna-se norma, ou padrão ideal, para todos os demais membros da comunidade. (p. 56).

Assim caracterizada a norma linguística, podemos dizer que *norma* é o subcódigo do código que é a língua ; é a realização do sistema, ou seja, é a língua em uso pelos grupos sociais. Esse funcionamento está melhor visualizado na figura 2.

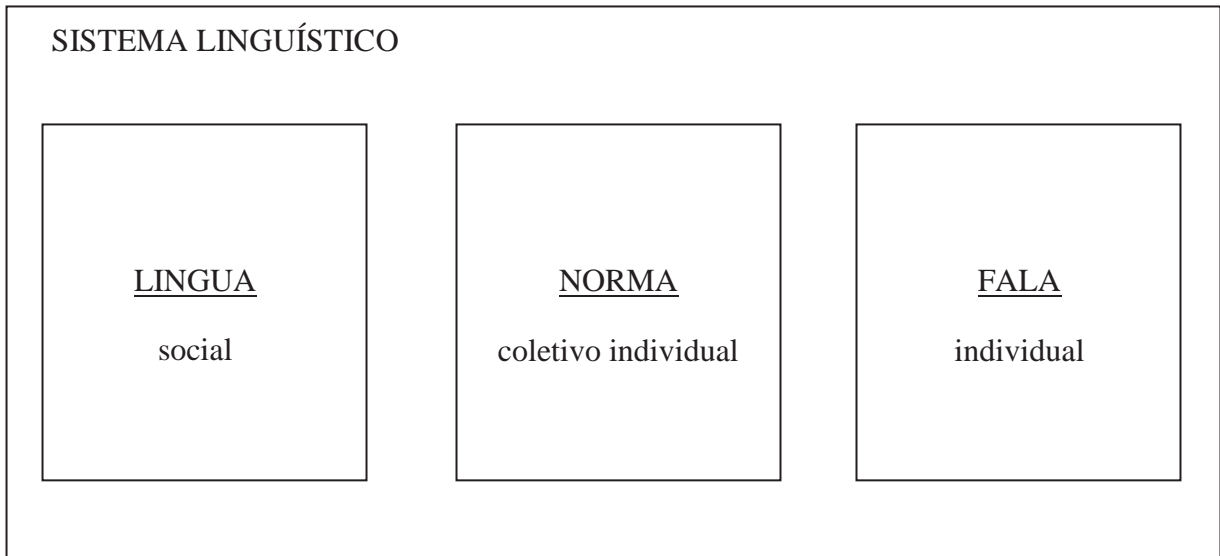


Figura 2 – Redefinição da dicotomia língua x fala para língua x norma x fala, segundo Coseriu (2004).

1.2. Variação linguística

As definições dos tipos de variantes linguísticas serão fundamentadas nos pressupostos de Camacho (2004) e de Mussalim e Bentes (2005) e Ilari e Basso (2009).

De acordo com Mussalim e Bentes (2005), todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas, ou seja, as gerações sucessivas de indivíduos levam a um domínio de uma língua particular. As mudanças temporais são partes da história das línguas. Ainda segundo essas autoras, no plano sincrônico, as variações observadas nas línguas são relacionáveis a diversos fatores. Dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade e de sexos diferentes falam distintamente. Porém, não existe nenhuma relação de casualidade entre o fato de nascer em uma determinada região, ser de uma classe social e falar de certa maneira.

Desse modo, qualquer língua falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Segundo as autoras, nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea, o que significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades e que

língua e variação são inseparáveis. Assim sendo, as mudanças temporais são partes da história das línguas.

Camacho (2004) observou que um estrangeiro que pouco conhece o Brasil, ao chegar aqui, certamente se surpreenderá ao perceber o quanto a nossa língua varia. Aliás, essa variação não necessariamente é perceptível por alguém de outro país: nós mesmos nos surpreendemos com tamanha variação. A variação linguística é algo presente em qualquer idioma e o português não seria exceção. Camacho (2004) define que

[...] por um lado, toda língua varia, isto é, não existe nenhuma comunidade linguística em que todos falem do mesmo modo, e porque, por outro lado, a variação é o reflexo de diferenças sociais, como origem geográfica e classe social e de circunstâncias da comunicação [...] a variação é uma característica inerente das línguas naturais (p.47).

Segundo o autor, para que a variação linguística exista é preciso ter alguém que a fale. Contudo, para não nos equivocarmos acreditando que ocorre a variação simplesmente porque cada falante opta por um jeito de falar, o mesmo autor defende que

Esses fatos linguísticos levam-nos a concluir também que a variação não é um processo sujeito ao livre arbítrio de cada falante, que se expressaria, assim, do jeito que bem entender; muito pelo contrário, a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico (p. 48).

Para entender, então, as regras que propiciam a variação linguística, adiante são apresentados os aspectos nos quais esta acontece.

1.2.1. Variação diacrônica

Segundo Ilari e Basso (2009), a variação diacrônica é aquela que, etimologicamente, se dá através do tempo. Essa variação é facilmente percebida quando comparamos o falar de gerações. Quantas não são as expressões antigas que pessoas de mais idade ainda usam e, às vezes, não entendemos e até consideramos ultrapassadas? Mas devemos entender que essas expressões podem soar ultrapassadas para nós, que não fizemos parte do contexto no qual elas surgiram.

Embora a variação diacrônica seja o resultado das alterações que acontecem no decorrer de um espaço de tempo, não é preciso um longo período para isso ocorrer. Nos dias atuais, com tamanha influência da mídia, alguns jargões, gírias e expressões são rapidamente absorvidas pelos discursos cotidiano de nossa língua, principalmente pelas pessoas jovens. No entanto, da mesma forma como é rápida a absorção, seu desuso também o é.

Os mesmos autores ainda afirmam que a variação diacrônica possui um caso particular: a gramaticalização, e explicam que é “o processo pelo qual uma palavra de sentido pleno assume funções gramaticais” (p. 153). Há, para explicar a gramaticalização, um exemplo clássico da língua portuguesa, que é o caso da formação (ou evolução) do pronome *você*, que, originalmente, era uma expressão de tratamento a pessoas ilustres como Vossa Majestade ou Vossa Excelência. Com o passar do tempo, *Vossa Mercê*, depois *Vosmecê* e hoje, *ocê* ou, simplesmente, *cê*, ou ainda, na modalidade escrita da internet, *vc*.

Os mesmos autores também apresentam o processo inverso à gramaticalização: a lexicalização. Os autores exemplificam esse processo com a frase “deixe de entretantos e passe aos finalmentes” e, gramaticalmente, explicam que *entretanto* é uma conjunção e *finalmente* um advérbio, mas, no exemplo, a conjunção e o advérbio são transformadas em substantivos que indicam um debate. Assim, a frase teria como significado “deixe de ressalvas e passe às conclusões”.

De qualquer modo, Ilari e Basso (2009) afirmam que a língua nunca foi estabelecida definitivamente, mas esta possui um caráter dinâmico e por isso está em constante mudança.

Nos dizeres de Camacho (1988), variação diacrônica condiciona-se o reconhecimento da variação histórica à observação de pelo menos dois estados sucessivos de uma língua. Uma variante deve cair em desuso para que a outra sobreviva. O reconhecimento dessa variante histórica pelos membros de uma comunidade como pertencentes à língua que falam, decorre em maior escala da modalidade escrita, que faz preservar o passado de um instrumento de comunicação.

1.2.2. Variação diatópica

Ainda segundo Camacho (1988), uma variante, na sua origem em processo de adoção pela norma da comunidade, é apenas uma das inúmeráveis variantes confinadas ao uso de um grupo sócio-economicamente expressivo, que reconhece nela um fator de prestígio em contraste com a forma em desuso, ficando confinada ao uso de gerações mais velhas. A

variante adotada predomina como variante normal na fala da comunidade, devido à eliminação completa da forma em substituição, que se fixa em virtude da modalidade escrita.

Assim sendo, podem conviver no mesmo plano temporal as variantes em desuso com suas respectivas substitutas, ficando estritas, porém, a alguns poucos falantes de idade avançada. Paralelamente, à evolução dos usos e costumes dos falantes, mantém suas formas de expressão adotadas como prestigiosas pela norma pedagógica e social de décadas atrás.

O vocábulo diatópica, etimologicamente, do grego *dia* = através de; *topos* = lugar; logo. Assim, variação diatópica é aquela que se dá em diferentes regiões de diferentes países ou de um mesmo país.

Os autores Ilari e Basso (2009) dizem que as diferenças que ocorrem em diferentes países, o estudo da variação diatópica sobre a língua portuguesa compara as variedades de português nos diferentes países colonizados por Portugal como Angola, Moçambique, Guiné-Bissau na África; Goa, Macau na Ásia, o Brasil na América Latina entre outros. Não é o nosso objetivo aprofundar o estudo da variação diatópica nos diferentes países, entretanto, cabe dizer que muitos fatores históricos, políticos e culturais contribuíram para que houvesse a variação diatópica nas antigas colônias de Portugal. Nesse trabalho, interessa-nos a variação diatópica no Brasil.

O Brasil é um país de um largo território e por isso a ocorrência de variação regional (diatópica) já é esperada.

o Brasil fala uma língua muito uniforme em todo o seu território; a variação não afeta aspectos substanciais do sistema fonológico e sintático da língua, e assim não admira que o gaúcho possa ser compreendido pelo amazonense, ou o mato-grossense pelo nordestino. Seria, porém, um erro pensar que a variação regional simplesmente não existe. (ILARI; BASSO, 2009, p. 160).

Esses autores explicam que a característica principal da variação diatópica da nossa língua está na maneira de falar típica de cada região. À grosso modo, o sotaque. Por meio desse jeito típico de falar é fácil identificar o nordestino, o carioca, o paulista, o gaúcho, o nascido na cidade de Piracicaba (interior de São Paulo). Até aqui, os exemplos limitam-se somente à questão fonológica, mas a questão morfossintática também se enquadra na variação diatópica, por exemplo, o uso de *tu* e *você* como pronomes de segunda pessoa, uso ou omissão dos artigos definidos antes de nomes próprios e dos nomes de parentesco, etc.

Ilari e Basso (2009) ainda concluem que a variação diatópica no Brasil não encontra verdadeiros dialetos, e sim, uma diferença entre o português falado pela classe mais rica e

escolarizada e a classe pobre menos escolarizada. Contudo, esta última afirmação caberá explicá-la na variação linguística seguinte seguinte.

1.2.3. Variação diastrática

A variação diastrática é um tipo de variação que se observa na comparação de diferentes estratos de uma população, também denominada pelos linguístas como “português subpadrão”.

Essa variante está diretamente ligada ao grau de escolarização e pareada com a situação socioeconômica das diferentes classes sociais. O nível sócio-econômico do indivíduo não é o único fator determinante da formação de setores distintos de atividade verbal no interior de uma comunidade geograficamente homogênea. Também são fatores de diversidade linguística social o grau de escolarização, a idade e o sexo do indivíduo, isolados ou conjugados entre si. A diferença etária não determina sozinha a diferença correlativa no plano linguístico, além desse fator, os falantes pertencem a meios sócio-culturais distintos.

Sobre a fala da população menos escolarizada, Ilari e Basso (2009) citam um estudo feito por Castilho (1978) que organiza as principais características da seguinte forma

Fonética:

- queda ou nasalização da vogal átona inicial: *incelença* por *excelência*;
- queda de material fonético posterior à vogal tônica: *figo* por *fígado*, *Ciço* por *Cícero*, *centimo* por *centímetro*;
- perda da distinção entre vogal e ditongo antes de palatal: *pexe* por *peixe*;
- monotongação de ditongos crescentes em posição final: *sustança* por *substância*;

[...]

Morfologia:

- perda do -s da desinência da primeira pessoa plural: *nóis cantamo*, *nóis cantemo* por *nós cantamos*;
- anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos: *mais mió* em vez de *melhor*;

Sintaxe:

- uso de uma marca de plural nos sintagmas nominais complexos e ausência de marca de concordância na 3a. pessoa do plural do verbo, particularmente com sujeito posposto (*os doce mais bonito são/ é para as vista. Quando chegou os bombeiro já não tinha mais nada pra fazer*);
- negação redundante com indefinidos negativos (*ninguém não sabia*);
- aparecimento de um segundo advérbio de negação anteposto: *não vem não* ou *vem não*;
- a oração relativa adota as construções conhecidas como cortadora ou copiadora: *a casa que eu morei* ou *a casa que eu morei nela* (em vez da construção padrão *a casa em que morei*);

- uso dos pronomes do caso reto na posição de objeto: *eu vi ele, a mulher xingou eu* (pp. 175, 176).

Conforme já citado anteriormente, “a variação é um fenômeno regular, sistemático, motivado pelas próprias regras do sistema linguístico” (Camacho, 2004, p.48) e, mediante ao que pudemos ver, por meio dos exemplos, é como se houvesse a “gramática do português subpadrão”, a qual não pode ser menosprezada pelos falantes do português padrão porque permite uma comunicação eficaz.

1.2.4. Variação diafásica

Até aqui, vimos que as variações linguísticas ocorrem de acordo com uma conformidade, ou seja, conforme uma situação. A variação diafásica não é diferente, esta se dá de acordo com o grau de formalidade da situação e diálogo dos interlocutores.

Também denominada variação estilística, a variação diafásica ocorre “em função das condições sociais de produção discursiva” (CAMACHO, 2004, p. 51). Segundo Camacho (1988), a variação diafásica (estilística) é o resultado da adaptação da forma linguística específica do ato verbal, relativamente, às circunstâncias em que se produz, é evidente que tantas são as variedades quantas são as situações momentâneas em que se realiza a atividade verbal. É a elaboração intelectual de conteúdo rico e complexo denominado estilo formal, onde o conteúdo dos atos verbais não se dirige à satisfação das necessidades mais imediatas do falante, mas à satisfação das suas necessidades intelectuais.

O fato de que a variação diafásica ocorre de acordo com a situação e com o grau de formalidade do contexto, é elucidado pelo seguinte texto:

DOUTORADO: O dissacarídeo de fórmula $C_{12}H_{22}O_{11}$, obtido através de fervura e da evaporação de H_2O do líquido resultante da prensagem do caule da gramínea *Saccharus officinarum* Linneu, 1758, isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladarde quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo impressão sensorial equivalente provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto, que corre no líquido nutritivo da alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na *Apis mellifera*, Lineu, 1758. No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela

forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena capacidade de deformação que lhe é peculiar.

MESTRADO: A sacarose extraída da cana de açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente o paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo. Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

GRADUAÇÃO: O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas; todavia não muda suas proporções quando sujeito à compressão.

ENSINO MÉDIO: Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel, porém não muda de forma quando pressionado.

ENSINO FUNDAMENTAL: Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

SABEDORIA POPULAR: Rapadura é doce, mas não é mole, não! (Autor desconhecido).

Conforme o excerto acima, é pelo fato de cada indivíduo estar em contextos diferentes, se expressa de maneira diferente.

Em suma, tanto a formalidade, em que a reflexão sobre o emprego das formas linguísticas é alto; quanto a informalidade, mínima reflexão sobre o emprego das formas linguísticas; são contempladas na variação diafásica

A diferença essencial entre os dois graus extremos reside nos diferentes graus de adesão ao uso de formas padrão ou variantes de pretígio: no estilo informal, a adesão às formas prestigiadas ou cultas é menor do que no estilo formal. (CAMACHO, 2004, p. 53).

Outro aspecto dessa variação a ser destacado é a forte veiculação que tem com a variação social. Essa veiculação pressupõe o fato de que o indivíduo necessita interiorizar na sua competência linguística as formas alternativas padrão e não-padrão sobre as quais ele pode usá-las conforme as circunstâncias de interação.

Autores como Ilari e Basso (2009) também estudaram as variações linguísticas e distinguem uma outra: a diamésica. Segundo esses autores, a língua sempre se utiliza de meios de informações ou expressões de formas diferentes, e esta diferença está contemplada na variação diamésica. Essa variação diamésica é facilmente percebida ao compararmos a linguagem falada e a linguagem escrita (a comunicação por dois meios diferentes). Os autores

Ilari e Basso (2009) exemplificam dizendo que, ao produzirmos um texto escrito, estruturamos previamente os elementos textuais, podendo alterá-lo quando acharmos que está redundante ou sem sentido. Já o texto falado é diferente, este permite repetir algum assunto, usar expressões como “*nê*” por “*não é*”, “*cê*” por “*você*”, “*disséro*” por “*disseram*”, etc. Esses autores ainda afirmam que “em oposição ao desenvolvimento ‘retilíneo’ do texto escrito, já se disse que o desenvolvimento mais típico dos textos falados traça uma espécie de espiral que atropela a si própria.” (p.181); conforme exemplo deles próprios:



Figura 3 - Exemplo retirado do livro *Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*.

1.3. Sociolinguística e o uso da linguagem

Para seguir adiante faz-se necessário ater-se ao entendimento de *Sociolinguística*. De acordo com Labov (apud BELINE, 2003), sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. Trata-se do estudo da possível incidência das forças sociais nos aspectos fonológicos, referentes aos sons; morfológicos, concernentes à estrutura e formação das palavras; sintáticos, referindo-se às suas formas e semânticos, que se ocupa de seus significados.

Os estudos linguísticos, a partir dos quatro tipos de variação da língua determinados com a introdução do conceito de norma, ou uso, intermediando a dicotomia saussureana *língua x fala*, se sedimentam num ramo da ciência linguística, a Sociolinguística, que observa com atenção as relações entre a língua e os fatores sociais, geográficos e históricos que determinam essas relações.

Do ponto de vista da sociolinguística variacionista, a língua não mais é vista como um sistema homogêneo, mas como “um fenômeno inerentemente variável, heterogêneo por definição” (BELINE, 2003, p. 126).

Cabe ressaltar aqui que a variedade linguística se dá, desde o nível mundial (cada língua é um conjunto de regras diferentes do outro, como um todo), passando para a variação que uma mesma língua pode sofrer de acordo com a localização geográfica e com aspectos sociais (variações lexicais, fonéticas, morfológicas e sintáticas), até chegar ao nível da variação individual (BELINE, 2003, p. 122). Nesse trabalho, interessa-nos constatar fatos linguísticos pertencentes ao nível da variação individual. Por isso, optamos por uma concepção de língua como um sistema inerentemente variável.

Embora o aspecto social da língua tenha chamado a atenção desde cedo, tendo tido relevância já no trabalho do linguísta suíço Ferdinand de Saussure, no início do século XX, foi, aproximadamente, nos anos 1950, que este aspecto começou a ser investigado minuciosamente. Nos anos 1960, William Labov começou uma série de investigações sobre a variação linguística, as quais revolucionaram nossa compreensão de como os falantes utilizam sua língua.

De acordo com Mussalim e Bentes (2005), Labov publica, em 1963, seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que destaca o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, ou, da diversidade linguística observada. O autor, nesse texto, relaciona fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude aos comportamentos linguísticos encontrados nos vineyardenses.

Ainda segundo as autoras, em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês em New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, conhecido como *Sociolinguística Variacionista* ou *Teoria da Variação*, que obteve grande impacto na Língua Contemporânea.

Uma *variação* de uma língua é uma forma que difere de outras formas da linguagem sistemática. *Variedade* é um conceito maior do que estilo de prosa ou estilo de linguagem. Assim, a abordagem sociolinguística variacionista, iniciada por Labov, segundo Chagas (2003, p. 149)

não procura eliminar da análise o que é variável e mutante. Pelo contrário ela faz da variação e da mudança linguística, os objetos centrais de estudo, relacionando-as justamente a alguns dos aspectos que Saussure [...] quis manter fora da análise da língua: a estrutura da sociedade e sua história.

Ainda nos dizeres de Chagas (idem), para Labov,

toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação, para, em seguida, ocorrer a mudança. Como a mudança e variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma, sem estudar a outra.

Pelos objetivos deste estudo, enfocamos apenas a variação e não a mudança. O que importa aqui é saber que, de acordo com Chagas (idem),

Labov faz o caminho inverso de Saussure, já que este fez um esforço para excluir o que é externo à língua em si dos estudos linguísticos e aquele procura justamente demonstrar que o funcionamento de uma língua não pode ser entendido no vácuo. Ela necessariamente faz parte de uma sociedade que a utiliza, a influencia e é influenciada por ela.

O mentor da Sociolinguística Variacionista considera, então, que “não devemos parar no que é estritamente linguístico, e se queremos explicar quais forças agem na língua, podemos e devemos incluir como a língua está inserida na sociedade” (CHAGAS, 2003, p. 150).

Capítulo II – Abordagem metodológica: etapas da pesquisa

Tendo em vista a preocupação em analisar questões pertinentes à variante linguística usada pelos alunos do 1º. ano do ensino fundamental, desenvolvemos uma investigação empírica de base quantitativa e qualitativa associada à pesquisa bibliográfica. Na definição da metodologia utilizada apoiamos-nos na metodologia da sociolinguística variacionista. Esta opção metodológica foi importante para a obtenção de dados visando atingir os objetivos geral e específicos da pesquisa. Acreditamos que a metodologia adotada deu base à pesquisa “por reconhecermos a importância de trabalhos quantitativos que utilizam dados que refletem o uso da língua em um contexto social heterogêneo” (SANTOS, 2009, p.1).

Utilizamos como instrumento para coleta de dados na escola campo de pesquisa a observação participante e a gravação em áudio dos discursos dos alunos detalhados a seguir.

A fim de iniciar a coleta de dados, primeiramente, foram esclarecidos à direção da escola os objetivos da pesquisa e os procedimentos para coleta/registro de dados. A direção da escola pediu-nos que não aplicássemos o questionário sócio-econômico, pois, no ato da inscrição para concorrer a uma vaga na escola, os pais já preenchem um questionário semelhante. Outro fator que cabe aqui mencionar, foi o fato de a professora da turma pesquisada, responsável pelo eixo de linguagem, que não permitiu gravar eventos de fala nas aulas de português e, por isso, não há registros de discursos dos alunos em aula de língua portuguesa. Todas as gravações ocorreram em outros momentos.

Após a autorização da direção da escola, demos início às observações e fizemos os registros necessários para a coleta de dados, cujos resultados são apresentados no capítulo III. Coletamos os dados com apenas uma turma do 1º. ano do ensino fundamental.

Concomitantemente a coleta de dados realizamos a pesquisa bibliográfica. A análise e categorização dos dados obtidos com a pesquisa empírica e bibliográfica foi realizada durante todo o processo de investigação. Para análise dos dados coletados, levamos em consideração o contexto social, cultural e econômico dos pais desses alunos (onde moram, grau de escolaridade dos pais, profissão) fatores que muito influenciam na variante linguística praticada pelas crianças. A análise desses dados deu-se basicamente pela coleta de informações no cadastro dos alunos na secretaria da escola.

2.1. Procedimentos de coleta de dados

2.1.1 Observação participante

A observação participante foi realizada para captar a realidade, o cotidiano e as interações presentes na escola. Embora a pesquisadora já conhecesse a classe dos alunos sujeitos desta pesquisa, a observação com o objetivo de proceder a pesquisa foi muito importante pois “o objetivo da pesquisa lingüística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008 apud. SANTOS, 2009, p. 3).

Vários contextos foram observados e dessas observações foram identificados elementos discursivos interessantes para as gravações.

2.1.2. As gravações

A pesquisa deu-se por meio de gravações e o contexto das situações discursivas coletadas variam em roda de amigos, conversas dos alunos sentados à mesa almoçando, conflitos, etc. Antecipadamente, explicamos que não houve preocupação com a análise de uma situação discursiva em um único contexto, demos atenção a todo tipo de evento de fala que pode haver nas conversas dos alunos no contexto escolar, em geral, com seus vários interlocutores.

O horário de almoço e recreio são momentos de euforia dos alunos; muitas turmas se encontram, os alunos se sentem com mais liberdade, enfim, foram nesses momentos que ocorreram a maioria das gravações, e, pela dificuldade de ouvir com clareza o áudio gravado, não foi possível transcrever essas gravações, o que reduziu o número de dados a serem analisados.

Após a gravação, fizemos a transcrição dos dados para não perder a memória das situações discursivas para a categorização e análise dos dados obtidos dos aspectos fonológicos, morfológicos e morfossintáticos das falas das crianças.

2.2. Escola campo de pesquisa

A escola onde a pesquisa foi realizada é uma instituição particular que destina a maior parte de suas vagas a filhos de trabalhadores da indústria. Entretanto as vagas que não são preenchidas ficam à disposição dos cadastros de alunos cujos pais não são da categoria.

A instituição atende a alunos desde a Educação Infantil até o 3º. ano do Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos, que acontece à noite. Por ter uma grande diferença nas idades dos alunos, não há preocupações de encontros das crianças com os adolescentes, pois as entradas, saídas e intervalos acontecem em horários intercalados.

O material didático utilizado é da própria rede e traz atividades de pesquisas, experiências e, no tocante à língua portuguesa e alfabetização trabalha com gêneros textuais, apresentando sempre um contexto.

A estrutura física da escola é ampla e bem conservada, conta com dezoito salas de aula, biblioteca com boa variedade de obras, auditório, refeitório, campo de futebol, campo de areia, quadra de esportes, *playground* o que atende a demanda de alunos do ensino integral possibilitando variedade de espaço para as atividades extra-curriculares.

A escola tem sob direção uma administradora escolar, auxiliada por duas coordenadoras pedagógicas, o corpo de professores tem boa formação e participa de formação continuada proporcionada pela própria rede, enfim, todo grupo de funcionários em geral bastante organizado ao executar suas funções.

2.3. Caracterização da classe observada

A classe escolhida foi uma turma de 30 alunos do 1º. ano do ensino fundamental que estuda no período integral em uma escola particular do município de Bauru. O critério para a escolha dessa turma foi o contato já existente entre pesquisadora e alunos, visto que a fala de uma criança diante de uma pessoa estranha não fluiria naturalmente, o que comprometeria a coleta de dados. Na interlocução com uma pessoa conhecida, a fala desenvolve-se mais espontânea, o que tornaria os dados coletados mais fiéis.

No início do ano letivo de 2011, a turma de alunos do 1º. ano manteve-se a mesma desde a educação infantil da mesma escola e recebeu mais sete alunos advindos de outras instituições. Consideramos importante expor esse detalhe para explicar o desenvolvimento dos alunos no que diz respeito ao processo de alfabetização no início do ano.

Dos vinte e três alunos que já eram da mesma escola pesquisada, apenas três não apresentavam aproveitamento suficiente na alfabetização esperado para a educação infantil, em cujo nível de ensino já se trabalhava essa questão. Os demais alunos ou já haviam atingido a fase silábico-alfabética, conforme Ferrero (1997), ou já estavam alfabetizados. A realidade dos alunos vindos de outras escolas já era a mesma, pois estavam na fase silábica do processo de construção da escrita.

Quanto à oralidade e capacidade discursiva, os alunos eram bem desenvolvidos participavam dos eventos de fala, favoreceu a coleta de dados para a pesquisa.

Capítulo III – Fatores extralinguísticos e análise do *corpus*

Optamos por apresentar as características da sala onde o *corpus* foi coletado, neste capítulo, pelo fato de a descrição desses ambientes revelarem os fatores sociais, externo à língua, como grau de escolaridade dos pais, nível econômico e idade, os quais estão correlacionadas com os modos de falar dos sujeitos desta pesquisa.

O diagnóstico dos pais dos sujeitos serviu como um macro-ambiente neste estudo. Por isso, faz-se necessário apresentar alguns dados desse diagnóstico para melhor compreensão da fala dessa comunidade linguística.

3.1. Caracterização dos pais dos sujeitos da pesquisa

A escola na qual estudam os alunos, sujeitos dessa pesquisa, é uma instituição mantida pelas indústrias e seu principal público são os filhos de funcionários desta categoria, o que torna esse público variado, estudando, ali, desde filhos de operários até filhos de executivos das empresas da cidade. Do ponto de vista econômico, são alunos que gozam de um conforto financeiro, em maior ou menor grau, pois não sofrem com desnutrição; ao menos um de seus responsáveis trabalha, têm pelo menos um veículo para se locomoverem.

Quanto à escolaridade dos pais dos alunos da classe em geral, 21% cursaram somente o ensino fundamental, 56% concluíram o ensino médio e 23% cursaram o ensino superior. Portanto, não se identificou a situação de analfabetismo no contexto familiar desses alunos, nem condição financeira que pudesse comprometer o processo escolar dos alunos.

Dos seis alunos escolhidos para serem sujeitos da pesquisa, três são filhos de pais graduados e os outros três são filhos de pais que estudaram até o ensino médio. O sujeito 1 é filho de pai policial e mãe secretária executiva poliglota e desfruta de uma condição financeira satisfatória. O sujeito 2 é filha de pai motorista de uma empresa estatal, tendo, portanto, estabilidade de trabalho, e mãe operadora de máquinas, ambos concluintes do ensino médio. O sujeito 3 é filho de um caminhoneiro e uma telefonista, sendo que ambos cursaram o ensino médio e possuem uma condição financeira satisfatória. O sujeito 4 é filho de pai eletricitista e mãe costureira, ambos autônomos, concluintes do ensino médio e condição financeira satisfatória. O sujeito 5 é filho de pequeno empresário e farmacêutica e gozam de

uma boa condição financeira. Finalmente, o sujeito 6 é filho de pai e mãe contadores com condição financeira razoável.

3.2. Coleta do *corpus* e critérios de análise

Não tivemos a pretensão de fazer uma análise exaustiva do *corpus*, pois o objetivo não era o de esgotar quantitativamente as variantes linguísticas nele encontradas, mas tão-somente nos interessa aquelas variantes que definem a variação diastrática, pelo fato de o trabalho de alfabetização ser baseado na modalidade oral em que as crianças se expressam.

Quanto aos critérios de análise, com a atenção voltada à variação diastrática (comparação de diferentes estratos da população), teremos por base o estudo de Castilho (1978, apud Ilari; Basso, 2009, pp. 175, 176) que orienta a análise da fala no aspecto fonético, morfológico e sintático, conforme descrito no primeiro capítulo da presente pesquisa.

Para coletar os dados, selecionamos seis alunos, os quais, nas transcrições, serão identificados como S₁, S₂, S₃, S₄, S₅ e S₆. As transcrições feitas no presente trabalho têm como interlocutores da pesquisa: a pesquisadora, os alunos da classe observada e destes, os alunos selecionados para serem sujeitos da pesquisa. Esses interlocutores estão respectivamente indicados por “P”; “A” ou “A’s” e “S₁, S₂ ... S₆”.

Nas transcrições, as falas dos interlocutores estão em *itálico*, e, quando necessário, haverá a explicação do contexto, nesse caso, o trecho aparece em letras normais. Uma transcrição fonética a tornaria ilegível para os não familiarizados, assim para facilitar a compreensão das transcrições, optamos por utilizar o alfabeto e as convenções gráficas correntes do português escrito (ILARI; BASSO, 2009, p. 178). Temos convicção que, mesmo inadequada para os propósitos de análise linguística, é um tipo de transcrição que se mostra eficiente para os propósitos deste trabalho, uma vez que, por meio dela, os leitores terão as informações mais relevantes sobre a variante alternativa usada pelos sujeitos

As linhas das transcrições estão numeradas para orientar a localização das formas linguísticas referenciadas e, assim, proporcionar uma melhor compreensão das análises.

Conforme dito anteriormente, houve um esforço da pesquisadora em gravar variadas as situações discursivas dos alunos com seus diferentes interlocutores em diferentes contextos. Portanto, nas transcrições estão retratadas situações discursivas diversas, desde a participação dos alunos em atividades coletivas em sala de aula, dúvidas apresentadas por eles para realização de alguma atividade e até conflitos existentes entre eles.

Situação discursiva 1

Contextualização: aula de vivência artística

1. **P:** *Eu quero conversar com vocês sobre um assunto muito*
2. *importante: o cuidado com a natureza. O que será que*
3. *podemos fazer para cuidar dela?*
4. **S₂:** *Não poluí o ar.*
5. **S₃:** *Não jogá lixo nos rio.*
6. **P:** *Muito bem! Tudo isso ajudará a natureza, mas a natureza*
7. *é só aquela grande floresta que vemos na televisão?*
8. **A's:** *Não.*
9. **P:** *Não? Então, quer dizer que cada árvore que vemos, as*
10. *plantas, as flores e animais também são natureza?*
11. **A's:** *Sim.*
12. **P:** *Ah! Então, podemos entender que em nossas casas*
13. *também existe a natureza?*
14. **S₅:** *É as grama, os vazinho de flor...*
15. **P:** *Então, agora nós vamos fazer um desenho com atitudes*
16. *que podemos tomar para cuidar da natureza que vive perto*
17. *de nós?*
18. **A's:** *Sim.*

Depois de entregues as folhas, a pesquisadora passeia pela sala perguntando aos alunos qual atitude eles vão desenhar.

19. **P:** *Deixe eu ver o seu? Olha que bonito! O que você está*
20. *desenhando aqui?*
21. **S₁:** *Molhano as pranta.*
22. **P:** *Olha pessel que bonito o desenho do ... Aqui, ele está*
23. *molhando as plantas.*

Essa primeira situação já nos apresenta vários aspectos das falas a serem analisados. Observa-se a supressão do fonema /r/ no infinitivo do verbo ocorrida nas linhas 4 e 5 (*poluí* e *jogá*, respectivamente).

Na situação discursiva 1, há ocorrência da supressão do fonema /s/. Entende-se por isso, que o aluno marcou o plural no artigo: *nos rio*, linha 5; *as grama, os vazinho*, linha 14 e *as pranta*, linha 21, mas não repetiu a marca de plural no nome, obedecendo a uma certa regra, pois coloca a marca de plural nos elementos que ocorrem à esquerda do nome, deixando de marcar o plural redundantemente, ocasionando a ausência de concordância em predicado verbo-nominal. Essa regra de concordância não-reduntante ocorre com mais frequência nos estilos de fala que o sujeito não monitora.

Ocorre também a supressão do fonema /d/ na forma do gerúndio na linha 21. Essa supressão ocorre porque os fonemas /n/ e /d/ são articulados na mesma região da boca, com a ponta da língua tocando internamente as gengivas da arcada superior. Assim, o /n/ assimilou o /d/. Na mesma linha identifica-se um outro fenômeno linguístico, o rotacismo, caracterizado

pela “neutralização de uma líquida lateral por uma líquida vibrante em sílabas do tipo CCV” (FREITAG, R. et al., 2010, p. 2), como observada na fala do sujeito, “planta” por *pranta*.

Situação discursiva 2

Contextualização: Na hora do intervalo, surge um conflito entre dois alunos.

1. **P:** *Acabo de receber uma reclamação do seu colega. É verdade que*
2. *você deu um beliscão nele?*

(Com voz de choro, o sujeito 4 responde.)

3. **S₄:** *Num di.*
4. **P:** *Olhe para mim e me responda: você deu ou não deu um beliscão*
5. *nele?*
6. **S₄:** *Num deu.*

Pedido de desculpas aceitos e a brincadeira continua.

Na situação discursiva 2, há a monotongação no advérbio de negação *não* das linhas 3 e 6. Essa monotongação contrapõe a forma negativa átona [num] à forma tônica e autônoma [não]. Identifica-se também a dificuldade de conjugar os verbos regulares e irregulares, quando, no primeiro momento, o aluno responde, negativamente, conjugando o verbo irregular *dar* no pretérito perfeito da primeira pessoa do singular como *di* e quando perguntado novamente, reforçando na pergunta (*deu ou não deu*) o verbo que esperado na resposta seria *dei* e não *deu*.

Situação discursiva 3

Contextualização: Alguns alunos não terminaram a atividade do dia anterior e pedem ajuda.

1. **S₃:** *Prô, eu não terminei ontem, se eu acabá o de ontem, eu tenho que*
2. *escrevê a rotina aqui? Porque se eu escrevê aqui não vai cobê.*

O sujeito 6, que está próximo, também reclama.

3. **S₆:** *Prô, o meu também não cabeu.*

Ainda, o sujeito 5 diz:

4. **S₅:** *Olha o meu! Não coubeu.*

(Aproveitando que a dúvida é geral, a pesquisadora intervém usando a alternativa padrão do verbo *caber*).

5. **P:** *Ah! Não vai caber. Copiem a rotina de hoje e depois terminem*
6. *a atividade de ontem.*

Aqui é importante esclarecer que o termo *prô* é o modo como os alunos chamam as professoras. Interessante é lembrar também que o termo *professora* é um bom exemplo de variação diacrônica, visto que já foi usado de várias maneiras no decorrer dos anos, já foi usado como *fessora*, *sora*, *prof* e, atualmente, *prô*.

Ao analisar a situação discursiva 3 encontramos a supressão do /r/ final nos verbos da linha 1 e 2.

Observam-se também as várias alternativas de conjugação do verbo irregular *caber* na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito (*coube*) identificadas nas linhas 2, 3 e 4. Por se tratar de um verbo irregular, percebe-se que, embora esses sujeitos tenham ouvido o que cada um falou, não se expressaram da mesma forma. Não que tenham visto no rosto da pesquisadora alguma expressão de desaprovação, mas, talvez, eles mesmos não aprovaram o modo dos colegas falarem e, na tentativa de, inconscientemente, se expressar na norma padrão, se expressaram de maneira diferente.

Situação discursiva 4

Contextualização: Na hora do almoço.

1. **S₁:** *Prô, o ... trouxe moeda nu bolsu.*
2. **S₂:** *É memo, prê. Eu vi.*
3. **P:** *Fala para ele guardar a moeda, porque moeda é suja e o*
4. *almoço é hora para isso.*

(O sujeito 1 sai aos gritos repassando a ordem).

5. **S₁:** *..., A PRÔ MANDÔ VOCÊ GUARDÁ A MOEDA.*

Na linha 1 da transcrição da situação discursiva 4, identifica-se a monotongação do ditongo /ou/ para /o/ na sílaba tônica de *trouxe* (*troxe*). Na mesma linha, encontramos também dois casos de neutralização do fonema /o/ em /u/ (*nu bolsu*) e um caso de assimilação em que a fração de [o] corresponde às pronúncia [u] em posição não final da palavra. Nesse caso, o [o] pretônico passou a [u]. Esse é um caso de assimilação e não de neutralização. O fenômeno da assimilação ocorre também quando o [o] em ambientes em que vem precedido de uma bilabial sonora /b/ ou /m/. No caso, temos *mueda*.

Encontra-se a supressão do fonema /s/ na linha 2. O aluno não pronuncia *mesmo*, mas *memo*. Este último exige somente pouca articulação dos lábios, enquanto o primeiro, articula maxilar, lábios e língua.

Há recorrência do fenômeno linguístico da monotongação do ditongo /ou/ para /o/ na linha 5, mas, dessa vez, a ocorrência é na sílaba átona (*mandô*). Na mesma linha, encontra-se

a supressão do /r/ final de *guardar* e o aluno já não pronuncia a palavra *moeda* da mesma forma. Entendemos que nessa situação expressar termos usando a norma padrão foi suficiente para o aluno compreender o uso da regra da norma padrão, fato que não ocorre todas as vezes.

Situação discursiva 5

Contextualização: encontro da pesquisadora com os alunos quando esses voltavam da aula de vivência esportiva.

1. **P:** *Bom dia, primeiro ano. Como foi a aula de vocês?*
2. **S₆:** *Nossa prô! Foi muito legal! Cê sabe que quando a gente*
3. *tava voltano do campo, um largarto passô assim bem pertim*
4. *da gente.*
5. **P:** *É mesmo? E como era esse lagarto?*
6. **S₅:** *Ele era mais maior que isso (indica o tamanho com as mãos) e quem relasse nele levava choque. Ele era elétrico.*
7. **P:** *Você encostou a mão nele?*

(Com expressão de espanto o sujeito 5 responde).

8. **S₅:** *Não!*
9. **P:** *E como você sabe que ele é elétrico?*
10. **S₅:** *Eu acho que era.*
11. **S₆:** *Se era elétrico, eu não sei, mais eu fiquei cum medo.*

(A conversa é interrompida quando a professora de Educação Física chama a turma para lavar as mão e beber água).

Nessa transcrição, identifica-se na linha 2, a redução de “você” para “cê” e o termo “nós” é substituído por “a gente”, mas mantém a concordância do verbo.

Na linha 3, ocorre a supressão da sílaba inicial “es” do verbo “estava” que é substituído por “tava”; novamente e recorre a supressão do fonema /d/ em /n/ do verbo “voltar” no gerúndio (*voltano*). Como regra fonológica altamente estigmatizada, ocorreu a metátese na palavra “lagarto” (*largarto*). Ocorreu também a monotongação do ditongo /ou/ em /o/ no verbo “passou” (*passô*) e, por fim, na linha 3, o diminutivo “inho” é reduzido para “im” (*pertim*).

Um fenômeno de ordem morfológica ocorre na linha 6, quando há “anteposição do advérbio de comparação a adjetivos que já são comparativos” (Castilho, 1978, apud Ilari; Basso, 2009, p. 176), observado quando o aluno expressa o tamanho do lagarto “*mais maior*”.

Na linha 11, há a substituição do fonema /o/ por /u/ no termo “com” por “cum”, um fenômeno de assimilação, “simplificação” compreendida pelo próprio movimento da boca para dizer o fonema /o/ e /u/. O fonema /o/ exige que maior movimentação dos lábios e maxilar.

3.2.1. Descrição das variantes alternativas utilizadas por sujeito

Sujeito 1

Nas falas do sujeito 1, foram identificadas as seguintes regras da norma não-padrão:

- supressão do fonema /d/ assimilado por /n/ na forma do gerúndio;
- fenômeno do rotacismo, caracterizado pela troca do /l/ pelo /r/;
- monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba átona;
- monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba tônica;
- assimilação do fonema do /o/ em /u/ e
- supressão do /r/ final de verbos no infinitivo.

Sujeito 2

Embora, foram poucas as transcrições de situações de discursos do sujeito 2, observamos os seguintes usos da regra não-padrão da linguagem:

- supressão do fonema /r/ no infinitivo do verbo e
- supressão do fonema /s/ em pronome de demonstração.

Sujeito 3

Nos discursos do sujeito 3, apareceram os usos da regra não-padrão do tipo:

- supressão do fonema /r/ no infinitivo de verbos e
- dificuldade de conjugação de verbos irregulares.

Sujeito 4

Na fala do sujeito 4, identificamos:

- Monotongação no advérbio de negação *não*, contrapondo a forma negativa átona [num] à forma tônica e autônoma [nãõ] e
- dificuldade na conjugações de verbos irregulares.

Sujeito 5

Nas falas do sujeito 5, identifica-se o uso das seguintes regras da linguagem não-padrão:

- supressão do fonema /s/ em nomes;
- ausência de concordância em predicado verbo-nominal;

- dificuldade de conjugação de verbos regulares e
- anteposição do advérbio de comparação a adjetivos comparativos.

Sujeito 6

Nos discursos do sujeito 6, encontram-se as seguintes alternativas de regras não-padrão:

- a supressão do fonema /d/ em /n/ de verbos no gerúndio;
- supressão da sílaba inicial “es” do verbo *estava*;
- monotongação do ditongo /ou/ em /ô/ em sílaba átona;
- diminutivo “*inho*” reduzido para “*im*”;
- redução também de *você* para *cê* ;
- *nós* substituído por *a gente* e
- metátese.

Das análises individuais dos sujeitos, foi gerado o quadro 1, que aponta a exigência das variantes encontradas.

Quadro 1: Variantes encontradas na análise do <i>corpus</i>						
Variantes	S₁	S₂	S₃	S₄	S₅	S₆
Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos comparativos					X	
Ausência de concordância em predicado verbo-nominal					X	
Assimilação do fonema /o/ em /u/	X					X
Dificuldade de conjugação de verbos irregulares			X	X	X	X
Metátese						X
Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba átona	X					X
Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba tônica	X					
Monotongação no advérbio de negação “ <i>não</i> ”, contrapondo a forma negativa átona [<i>num</i>] à forma tônica e autônoma [<i>não</i>]				X		
Neutralização do fonema /o/ em /u/	X					
Redução do diminutivo “ <i>inho</i> ” em “ <i>im</i> ”						X
Redução da forma “ <i>você</i> ” por “ <i>cê</i> ”						X
Rotacismo – troca de /l/ por /r/	X					
Supressão do fonema /d/ assimilado por /n/ de verbos no gerúndio	X					X
Supressão do /r/ final de verbos no infinitivo	X	X	X			
Supressão do fonema /s/ em pronome de demonstração		X				
Supressão do fonema /s/ em nomes, prejudicando a regra padrão de concordância nominal	X				X	
Supressão da sílaba inicial “ <i>es</i> ” do verbo “ <i>estava</i> ”						X
Uso de “ <i>a gente</i> ” por “ <i>nós</i> ”						X

3.3. Quantificação das variantes

A partir da análise feita, elaboramos o quadro 2 para termos uma visão panorâmica das ocorrências das variantes nos seis sujeitos, de modo a quantificá-las. Nesse quadro, constam as variantes tomadas como critério para avaliar a variante dos sujeitos. Pra melhor identificarmos esses dados, estabelecemos a seguinte codificação: a série S₁, S₂, S₃, S₄, S₅ e S₆ indica cada um dos sujeitos da pesquisa, já a série V₁, V₂, V₃, V₄, V₅, V₆, V₇, V₈, V₉, V₁₀, V₁₁,

V₁₂, V₁₃, V₁₄, V₁₅, V₁₆, V₁₇, V₁₈ indica cada uma das variantes encontradas no *corpus*, cuja identificação deve seguir a ordem de análise, conforme legenda abaixo do quadro.

Assim, o código S₁ V₆ lê-se “variante da monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba átona presente no texto transcrito do sujeito 1” e, S₂ V₁₄, lê-se “variante de supressão do /r/ final de verbos no infinitivo presente no texto transcrito do sujeito 2”, e assim por diante.

Quadro 2: Número de ocorrências das variantes encontradas nos discursos de cada sujeito																		
Nº. de Sujeitos	V ₁	V ₂	V ₃	V ₄	V ₅	V ₆	V ₇	V ₈	V ₉	V ₁₀	V ₁₁	V ₁₂	V ₁₃	V ₁₄	V ₁₅	V ₁₆	V ₁₇	V ₁₈
S ₁			X			X	X		X			X	X	X		X		
S ₂														X	X			
S ₃				X										X				
S ₄				X				X										
S ₅	X	X		X												X		
S ₆			X	X	X	X			X	X	X		X				X	X
Total de ocorrências	1	1	2	4	1	1	1	1	2	1	1	1	2	3	1	2	1	1

V ₁ – Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos comparativos	V ₁₀ – Redução do diminutivo “inho” em “im”
V ₂ – Ausência de concordância verbo-nominal	V ₁₁ – Redução de “você” por “cê”
V ₃ – Assimilação do fonema do /o/ em /u/	V ₁₂ – Rotacismo – troca de /l/ por /r/
V ₄ – Dificuldade de conjugação de verbos irregulares	V ₁₃ – Supressão do fonema /d/ substituído por /n/ de verbos no gerúndio
V ₅ – Metátese	V ₁₄ – Supressão do /r/ final de verbos no infinitivo
V ₆ – Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba átona	V ₁₅ – Supressão do fonema /s/ em pronome de demonstração
V ₇ – Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba tônica	V ₁₆ – Supressão do fonema /s/ em nomes, prejudicando a regra padrão de concordância nominal
V ₈ – Monotongação no advérbio de negação não, contrapondo a forma negativa átona [num] à forma tônica e autônoma [nãõ]	V ₁₇ – Supressão da sílaba inicial “es” do verbo “estava”
V ₉ – Neutralização do fonema /o/ em /u/	V ₁₈ – Uso de “a gente” por “nós”

A variante não-padrão mais presente nos discursos dos sujeitos, de acordo com o quadro 2, é a variante de número 3, dificuldade de conjugação de verbos irregulares, e a fala em que foi identificado maior número de ocorrências não-padrão foi a do sujeito 6.

Uma outra observação é importante ser feita. As condições intelectuais dos pais do sujeito 6 (conforme descrita na caracterização dos sujeitos) são das mais favoráveis para uma “natural aquisição” da norma padrão da língua portuguesa. Entretanto, o resultado obtido a partir das análises das transcrições aponta que, nas falas do sujeito 6, foram identificadas mais ocorrências do que nas falas dos outros cinco sujeitos.

Embora caracterizamos anteriormente a condição escolar e financeiras das famílias dos sujeitos, os maiores graus de escolaridade são dos pais do sujeito 1 e 6 e foi justamente nos discursos desses sujeitos onde foram encontrados o maior número de uso de variantes alternativas da regra não-padrão. Acredita-se que a convivência em um ambiente de pessoas graduadas facilite a aquisição da norma padrão por parte das crianças, contudo, o fato de conviver com pessoas com o maior grau de escolarização não garante o uso da norma padrão em cem por cento dos discursos se não houver uma monitoração da fala.

3.4. Compilação das variantes encontradas

V₁ – Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos comparativos: *mais maior*

V₂ – Ausência de concordância verbo-nominal: *É as pranta*

V₃ – Assimilação do fonema do /o/ em /u/: *mueda; cum*

V₄ – Dificuldade de conjugação de verbos irregulares: (eu) *num di*; (eu) *num deu*; *cobê*; *cabeu*; *coubeu*

V₅ – Metátese: *largarto*

V₆ – Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba átona: *mandô*; *passô*

V₇ – Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba tônica: *troxe*

V₈ – Monotongação no advérbio de negação *não*, contrapondo a forma negativa átona [*num*] à forma tônica e autônoma [*não*]

V₉ – Neutralização do fonema /o/ em /u/: *nu bolsu*

V₁₀ – Redução do diminutivo “*inho*” em “*im*”: *bem pertim da gente*

V₁₁ – Redução de “*você*” por “*cê*”

V₁₂ – Rotacismo – troca de /l/ por /r/: *pranta*

V₁₃ – Supressão do fonema /d/ substituído por /n/ de verbos no gerúndio: *molhano*; *voltano*

V₁₄ – Supressão do /r/ final de verbos no infinitivo: *poluí*; *jogá*; *acabá*; *escrevê*; *guardá*

V₁₅ – Supressão do fonema /s/ em pronome de demonstração: *memo*

V₁₆ - Supressão do fonema /s/ em nomes, prejudicando a regra padrão de concordância nominal: *as pranta, os vazinho*

V₁₇ - Supressão da sílaba inicial “es” do verbo “*estava*”: *tava*

V₁₈ - Uso de “*a gente*” por “*nós*”

Conforme citamos no capítulo I, Castilho (1978 apud. Ilari; Basso, 2009) caracteriza alguns aspectos da fala na norma não-padrão dividindo em ocorrências de ordem fonética, morfológica e morfossintática. Aproveitando-se do estudo do linguísta, formulamos o quadro 3 classificamos as variantes encontradas nas falas dos sujeitos nos três aspectos supra-citados.

Quadro 3: Categorização das variantes encontradas em três aspectos		
Fonológico	Morfológico	Morfossintático
V ₃ – Assimilação do fonema do /o/ em /u/: <i>mueda; cum</i>	V ₄ – Dificuldade de conjugação de verbos irregulares: (eu) <i>num di</i> ; (eu) <i>num deu; cobê; cabeu; coubeu</i>	V ₁ – Anteposição do advérbio de comparação a adjetivos comparativos: <i>mais maior</i>
V ₅ – Metátese: <i>largarto</i>	V ₁₁ – Redução de “ <i>você</i> ” por “ <i>cê</i> ”	V ₂ – Ausência de concordância verbo-nominal: <i>É as grama</i>
V ₆ – Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba átona: <i>mandô; passô</i>	V ₁₅ - Supressão do fonema /s/ em pronome de demonstração: <i>memo</i>	V ₁₆ - Supressão do fonema /s/ em nomes, prejudicando a regra padrão de concordância nominal: <i>as grama, os vazinho</i>
V ₇ – Monotongação do ditongo /ou/ para /ô/ em sílaba tônica: <i>troxe</i>	V ₁₇ - Supressão da sílaba inicial “ <i>es</i> ” do verbo “ <i>estava</i> ”: <i>tava</i>	
V ₈ – Monotongação no advérbio de negação <i>não</i> , contrapondo a forma negativa átona [<i>num</i>] à forma tônica e autônoma [<i>não</i>]	V ₁₈ - Uso de “ <i>a gente</i> ” por “ <i>nós</i> ”	
V ₉ – Neutralização do fonema /o/ em /u/: <i>nu bolsu</i>		
V ₁₀ – Redução do diminutivo “ <i>inho</i> ” em “ <i>im</i> ”: <i>bem pertim da gente</i>		
V ₁₂ - Rotacismo – troca de /l/ por /r/: <i>pranta</i>		
V ₁₃ - Supressão do fonema /d/ substituído por /n/ de verbos no gerúndio: <i>molhano; voltano</i>		
V ₁₄ - Supressão do /r/ final de verbos no infinitivo: <i>poluí; jogá; acabá; escrevê; guardá</i>		

Como podemos observar, das 18 ocorrências de uso das regras alternativas não-padrão, 10 são de processos fonológicos, 5 de morfológicos propriamente dito e 3 são de

regras morfosintáticas. Destas as que mais estigmatizam o sujeito, do ponto de vista social, são a metátese, o rotacismo, os casos de ausência de concordância nominal ou verbal e a conjugação equivocada dos verbos.

3.5. Variação linguística e o ensino dos usos de língua materna: reflexões sobre os usos da linguagem

Refletindo sobre o modo de falar dos alunos, retratados nas transcrições do último capítulo, a pesquisadora tinha a concepção de repetir, usando a norma padrão, o que o aluno falava na modalidade não-padrão, percebendo que, em alguns casos, isso tinha efeito positivo e, em outros, não, reconhecemos que há necessidade de se trabalhar a monitoria da fala com os alunos desde a fase da alfabetização.

Não se trata de corrigir por corrigir, até porque, em muitos casos, isso causa constrangimento, e muito menos proibir o aluno de se expressar na forma não padrão, mas mostrar aos alunos os vários contextos discursivos e a maneira mais adequada de se expressar em cada situação, pois deve-se considerar que

Por mais distante da variante padrão, a linguagem do aluno não deixa de se revelar complexa, articulada, longe, portanto, de representar um falar rudimentar e pobre. Fazem já parte do acervo linguístico, da competência linguística do aluno regras que não são apreendidas intuitivamente; ditadas pela experiência própria no convívio diário com falantes da língua, seja no seio da família, seja âmbito social. (GUIMARÃES, 2001, p. 352)

Em geral, o melhor momento de se fazer intervenções dessa natureza é a aula de língua portuguesa, já que é a situação em que o aluno perceberá a diferença da modalidade oral e escrita e a necessidade do domínio da norma padrão, pois é essa a adequada para a modalidade escrita. Em uma oportunidade como esta podemos ensinar aos alunos que “tendemos a nos monitorar mais na escrita do que na fala, mas tanto em uma quanto em outra o grau da monitoração que vamos aplicar depende do papel social que estamos desempenhando” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 13). Infelizmente, nas situações discursivas presentes nessa pesquisa, não houve uma que acontecesse em uma aula de linguagem, visto que não foi disponibilizado à pesquisadora o horário em que essa aula acontecia.

Na reflexão sobre os usos da linguagem há de se considerar a cultura dos interlocutores do discurso. Denominado como Relativismo Cultural, Bortone e Bortoni-Ricardo (2008) escrevem sobre a relevância dessa vertente sociológica

O Relativismo cultural é uma postura adotada nas Ciências Sociais, inclusive na Linguística, segundo a qual uma manifestação de cultura prestigiada na sociedade não é intrinsecamente superior a outras. Quando consideramos que as variedades da língua portuguesa empregadas na escrita ou usadas por pessoas letradas quando estão prestando atenção à fala não são intrinsecamente superiores às variedades usadas por pessoas com pouca escolarização, estamos adotando uma posição culturalmente relativa e combatendo o preconceito baseado em mitos que perduram em nossa sociedade.(p. 15)

A postura relatada na citação contribui para a sensibilização cultural da prática docente do professor alfabetizador na ruptura de preconceitos sociais e linguísticos que se prolongam em nossa língua.

Ao adotar por uma pedagogia com a perspectiva sensivelmente cultural, Bortoni-Ricardo (2008) diz que o professor de um aluno usuário da regra não-padrão deve ter como estratégia a identificação e a conscientização do uso dessas variantes. Conhecer as regras não-padrão e reconhecer que essas também fazem parte do seu repertório linguístico ajuda o professor a atender ao primeiro conceito, identificando as variantes da alternativa não-padrão. Ao conscientizar o aluno sobre as diferenças linguísticas, possibilitará o aprendizado de modular seu próprio estilo (p. 140). Discorrendo a este respeito, a autora alerta para que isso seja um processo sem rupturas ou intervenções inoportunas que comprometam o processo de ensino-aprendizagem.

Considerações finais

Para ter a variação linguística como princípio base para proporcionar ao aluno o domínio dos usos da língua em diferentes contextos, é importante ter a concepção de que “uma proposta de ensino de língua deve valorizar o uso da língua em diferentes situações ou contextos sociais, com sua diversidade de funções e sua variedade de estilos e modos de falar” (BORTONE; BORTONI-RICARDO, 2008, p. 9), ou seja, não se pode estigmatizar ou desconsiderar qualquer que seja a variante.

O levantamento de informações sobre a realidade social e linguística dos alunos do 1º. ano e de seu contexto familiar, identificação, descrição e categorização das variantes recorrentes nas falas dos alunos possibilitaram uma visualização, ainda que pequena, dos usos de variações não-padrão.

Sem desconsiderar a variante não-padrão, mas aumentando o leque de possibilidades dos usos da língua, acreditamos que seja possível trabalhar com a variante padrão no processo de alfabetização por meio dos gêneros textuais, conscientizando os alunos que, assim como os gêneros textuais têm um contexto adequado para ser utilizado, a modalidade oral da língua também.

Uma maior exploração do tema em contextos de aulas de língua portuguesa, coleta de amostras de variantes não-padrão utilizadas por alunos do 1º. ano e do 5º. ano da mesma escola para analisar se o processo escolar do ensino fundamental possibilita ao aluno o domínio de uso de regras padrão e não-padrão são possíveis desdobramentos desta pesquisa.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é e como se faz*. São Paulo: Lyola, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Hucitec, 12^a. Edição, 2006.
- BELINE, Ronald. *Aviação linguística*. In: _____ FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Varição linguística e atividades de letramento em sala de aula*. In: _____ KLEIMAN, Angela B (Org.). Campinas: Mercado das Letras, 2008.
- BORTONE, M.; BORTONI-RICARDO, S. *Alfabetização e linguagem: modos de falar modos de escrever*. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação Básica, 2008.
- CHAGAS, Paulo. *A mudança linguística*. In: _____ FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *Norma culta e variedades linguísticas*. In: _____ *Pedagogia Cidadã: cadernos de formação ; Língua portuguesa Vol. 1*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004.
- CAMACHO, Roberto Gomes. *A variação linguística*. In: _____ São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estado e Normas Pedagógicas. Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 1º. E 2º. graus, coletânea de textos. São Paulo, SE/CENP, 1988, 3v.Vol.1.
- COSERIU, Eugênio. *Introducción a la lingüística*. Madrid, 1986. Disponível em <http://www.4shared.com/document/yhvxxCf7/52874772-Coseriu-Eugenio-Intro.htm> acesso em 03 de maio de 2011.
- COSERIU, Eugênio. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979, cap. 1, p. 13-85.
- COSERIU², Eugênio. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença: 1979.
- COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- FERRERO, Emília. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1997.
- FREITAG, Raquel Meister Ko et al. “*Vamos prantar froes no grobo da terra*”: *Estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE*. Revista Virtual de Letras Volume 2, Número 02/2010 ISSN: 2176-9125.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

- GUIMARÃES, Elisa. *Correção linguística*. In: _____ PRETI, Dino. Dino Preti e seus temas. São Paulo: Cortez, 2001.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MUSSALIM, F. E BENTES, A.C. (orgs) . *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 5 ed. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2005.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. *A língua como objeto da linguística*. In: _____
- FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PETTER, Margarida. *Linguagem, língua, linguística*. In: _____ FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SANTOS, Renata. *A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista*. Revista Espaço Acadêmico, número 97, junho de 2009. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index>
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 27ª. Edição 2006.

Anexo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos realizando uma pesquisa que objetiva investigar a influência da oralidade no processo de alfabetização em alunos do 1º ano do ensino fundamental. Assim, solicitamos o seu consentimento para divulgação dos dados coletados neste questionário (com anonimato garantido), em eventos e ou trabalhos de natureza científica, visando contribuir para a formação inicial de professores da Educação Básica. Participar desta pesquisa é uma opção.

Os dados obtidos após a coleta serão utilizados com finalidade exclusivamente científica, com divulgação em periódicos e eventos, com total preservação da identidade dos participantes.

Eu, _____, portador (a) do RG _____ concordo que meu filho (a) participe da referida pesquisa e declaro ter recebido as devidas explicações sobre a mesma. Declaro ainda estar ciente de que a minha participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Bauru, ____/____/2011.

(Assinatura do responsável / participante)